

REAL EM CRISE

A situação da economia brasileira se agrava com a disparada da moeda norte-americana. O país fica cada vez mais dependente do capital estrangeiro e os preços sobem sem controle

O Brasil refém do dólar

Vicente Nunes
Da equipe do Correio

Onervosismo exacerbado que sacode o país vem revelando uma dura realidade: o Brasil está cada vez mais refém do dólar. E não é preciso ser nem um especialista no assunto para perceber o quanto a moeda norte-americana está afetando o dia-a-dia da população. "Olhando a economia brasileira hoje, percebemos o dólar entranhado em toda a sua estrutura", diz o economista Ricardo Amorim, chefe, em Nova York, de Pesquisa para a América Latina da Idea Global, empresa que presta consultoria para os grandes bancos e fundos de investimentos do mundo. "O Brasil é um quadro claro de país dependente de capital estrangeiro. São necessário US\$ 1 bilhão por semana para o Brasil fechar suas contas", ressalta o economista Lauro Vieira de Faria, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

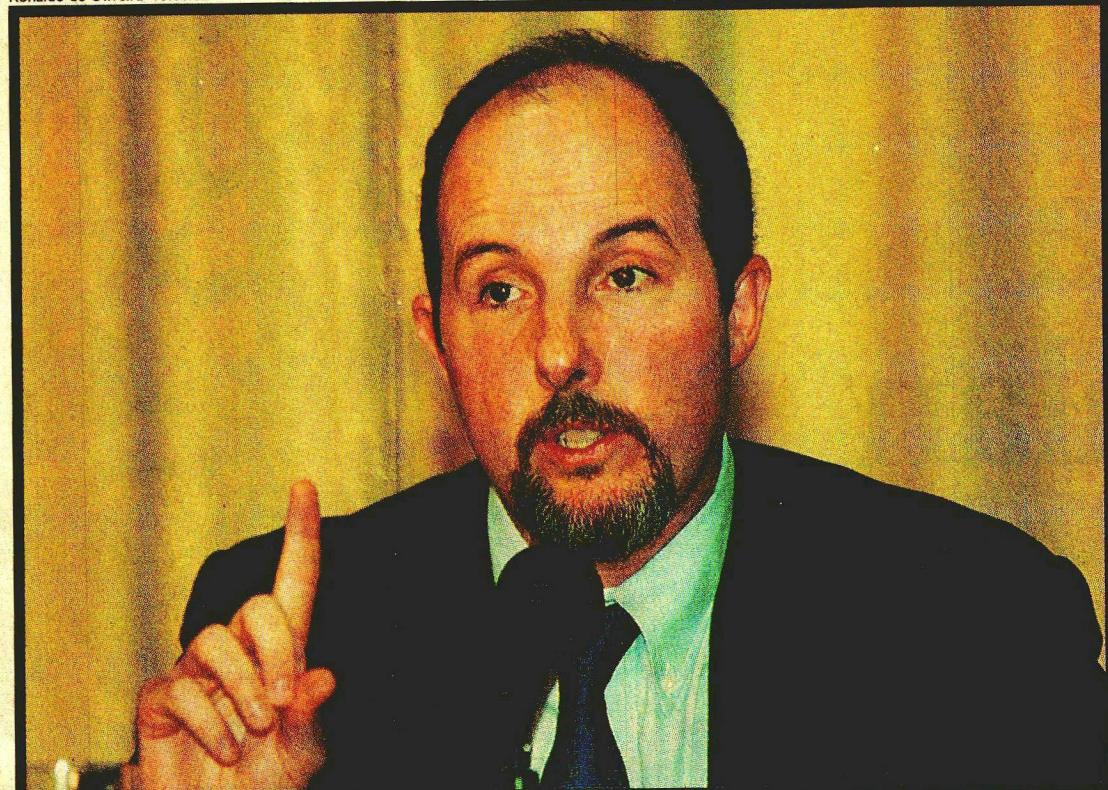
Da dívida pública ao preço do gás de cozinha, o estrago é geral, afirma o economista da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central. Os números, segundo ele, são cruéis.

A começar pela inflação. O Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI), calculado pela FGV, registra um forte repasse da alta da moeda norte-americana nos preços dos produtos agrícolas. Somente em junho, essas mercadorias subiram 4,57%, resultado quase seis vezes maior que o reajuste de maio, de 0,85%. Estão sofrendo o impacto da valorização do dólar, sobretudo, o trigo e a soja.

A alta da divisa norte-americana também bate direto nos preços administrados, as chamadas tarifas públicas. Nos contratos de concessão fechados pelo governo durante o programa de privatização, ficou acertado que o reajuste das tarifas seria feito pelo Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M). Ironicamente, esse é o índice de inflação mais alto calculado no país. Isso acontece justamente porque o IGP-M reflete de imediato a escalada do dólar. O IGP-M atualiza, principalmente, as tarifas de telefone e de energia elétrica.

Pelas projeções do Banco Central, os preços administrados fecharão o ano com elevação média de 8,9%, ante à meta de 3,5% de inflação fixada pelo governo. Nessa conta, estão disparates como o gás de cozinha, que, apenas

Ronaldo de Oliveira 13.06.02



ARMINIO: DÍVIDA PÚBLICA E INFLAÇÃO SÓ DIMINUIRÃO DEPOIS QUE O “NERVOSISMO EXAGERADO PASSAR”

no primeiro semestre, subiu 32% (serão 42% ao longo do ano), e a energia elétrica, com aumento de 19,2% previsto para 2002. A situação está tão complicada com esses preços, que um governo que sempre defendeu as leis de mercado agora fala em tabelamento dos combustíveis, mais especificamente do gás de cozinha. Os preços dos combustíveis (gasolina e óleo diesel) são formados no mercado internacional. Ou seja, acompanham o dólar para dar competitividade à Petrobras, como argumenta o presidente da companhia, Francisco Góes.

QUADRO PERVERSO

A inflação em alta diminui, por sua vez, a margem de manobra do governo para reduzir as taxas de juros. Elevados, os juros inibem o cresci-

mento da economia, que, consequentemente, resulta em menos investimentos por parte da indústria, menos produção, menos emprego e renda menor para o trabalhador. Um trecho do relatório do Comitê de Política Monetária (Copom), divulgado na última quinta-feira pelo Banco Central, explicita esse quadro estatístico. "Em maio, a produção caiu 5%. Houve queda no emprego (-1%), nas horas trabalhadas na produção (-4,1%), na massa salarial (-0,6%) e na utilização da capacidade instalada da indústria (-1,2%)".

Mas não é só. O dólar contamina metade da dívida líquida do setor público, que, no mês passado, atingiu o recorde de R\$ 750,258 bilhões. A variação para cima de 12,79% do dólar significou incremento de R\$ 41,3 bilhões no endi-

vidamento em junho. O assustador é que a dívida está sendo inflada por um círculo vicioso. Os investidores acreditam cada vez menos na capacidade do governo de honrar seus compromissos. Com isso, fogem para o dólar, cujas cotações disparam, aumentando ainda mais a dívida pública.

Indagado pelo Correio sobre esse cenário preocupante, o presidente do BC, Arminio Fraga, disse que a reversão desses indicadores só virá com a queda do dólar. "Vamos esperar o nervosismo exagerado passar", afirmou. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, negou que esse esperar signifique que não há nada mais a ser feito pelo governo. "Esperar não quer dizer passividade. Estamos agindo. O câmbio não cairá de maduro", ressaltou. Tomara não seja tarde demais.